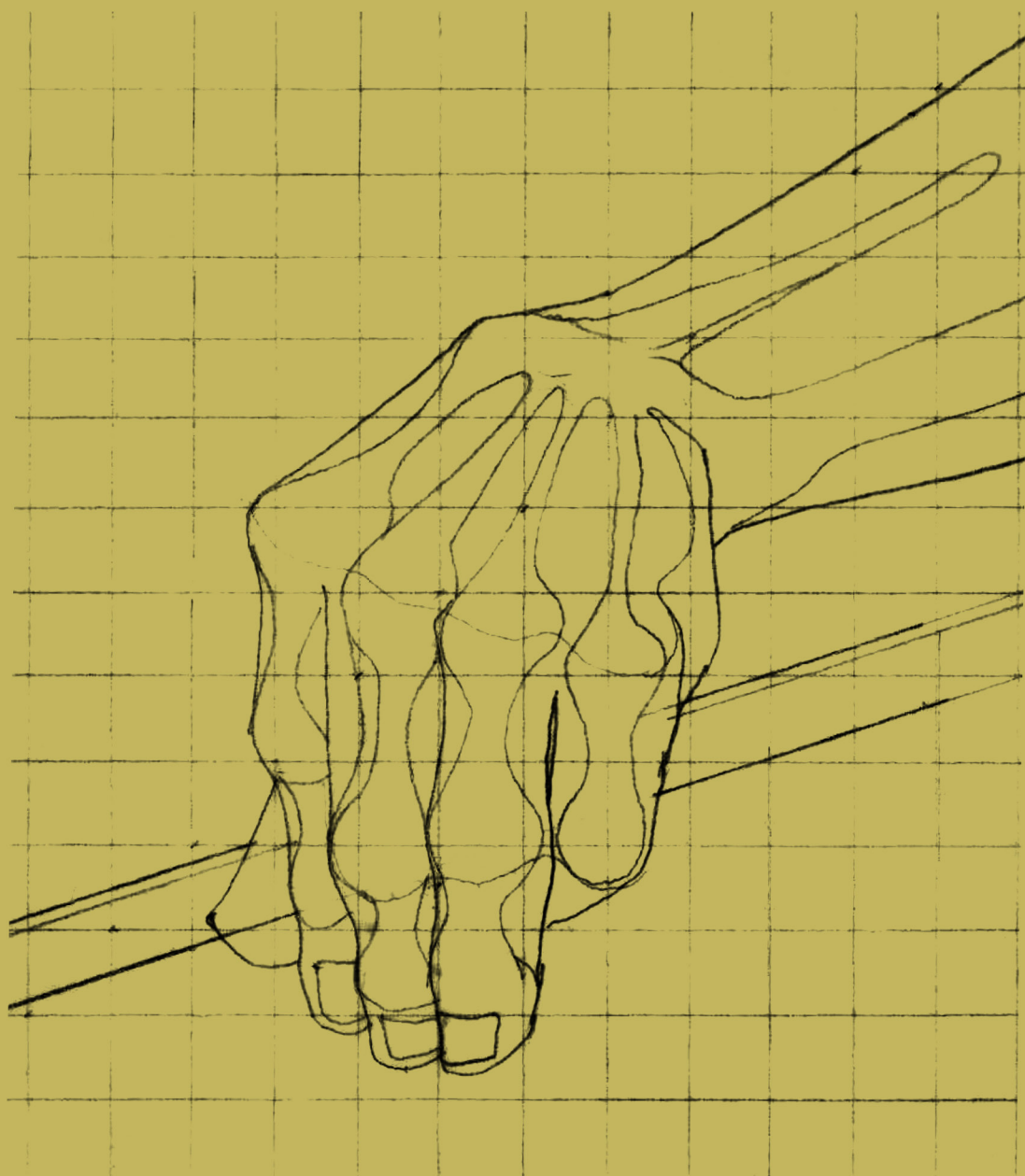


# A vanguarda intelectual da atuação profissional de Jorge O. Caron (1973 – 1984)

Ana Maria Reis de Góes Monteiro  
Taiana Car Vidotto \*



**Figura da página anterior:**

Desenho de Jorge O. Caron da série “Mãos e Pés”.  
 Fonte: Acervo Jorge Caron.  
 (Imagem acrescentada pela Revista Risco ao presente artigo)

**Resumo** Em sua trajetória, Jorge Osvaldo Caron (1936 – 2000) vivenciou a intrínseca relação entre o ensino, como professor de escolas de arquitetura, e a profissão, como arquiteto atuante nas instituições profissionais. Nesse sentido, objetiva-se apresentar seu percurso considerando a defesa da profissão, sua atuação no ensino e nas instituições profissionais entre 1973, quando inicia sua atuação no Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo – SASP, até 1984, quando deixa o curso da Fundação Educacional Belas Artes de São Paulo - FEBASP. Este período considera a expansão das escolas de arquitetura durante o Regime Militar e a atuação conjunta das instituições profissionais, durante o qual Caron foi um dos agentes em meio ao debate intenso sobre as relações entre o ensino e a profissão.

*Palavras-chave:* ensino de arquitetura e urbanismo, atuação profissional, arquitetura e urbanismo.

### La vanguardia intelectual de la actuación profesional de Jorge O. Caron (1973 – 1984)

**Resumen** En su carrera, Jorge Osvaldo Caron (1936 - 2000) experimentó la relación intrínseca entre la docencia, como profesor en las escuelas de arquitectura, y la profesión, como arquitecto activo en las instituciones profesionales. En este sentido, objetiva presentar su trayectoria por el directo de la profesión, enseñanza y instituciones profesionales entre 1973, cuando inició su trabajo en el Sindicato de Arquitectos del Estado de São Paulo - SASP, hasta 1984, cuando dejó el curso en la Fundación Educacional Belas Artes de São Paulo - FEBASP. Este período contempla una expansión de las escuelas de arquitectura durante el Régimen Militar y una acción conjunta de instituciones profesionales, durante la cual Caron fue uno de los agentes en medio de un intenso debate sobre la relación entre la docencia y la profesión.

*Palabras clave:* enseñanza de arquitectura y urbanismo, actuación profesional, arquitectura y urbanismo.

### The professional intellectual leading of Jorge O. Caron (1973 – 1984)

**Abstract** Throughout his lifetime, Jorge Osvaldo Caron (1936 - 2000) experienced the intrinsic connection between teaching at schools of architecture and as an active architect in professional institutions. In this sense, this article aims to present Caron's path fighting for the professional rights, architectural teaching and institutions which represented the architect and urban planning between 1973, when he started his work in the São Paulo State Architects Union - SASP, until 1984, when he left the course at Fundação Educacional Belas Artes de São Paulo - FEBASP. This period considers the expansion of architecture schools during the Military Regime and the joint action of professional institutions, in which Caron was one of the agents participating from an intense debate on the relationship between teaching and the profession.

*Keywords:* teaching of architecture and urban planning, profession, architecture and urban planning.

**D**urante o período de conformação da profissão do arquiteto no Brasil, marcado pelo estabelecimento de núcleos estaduais do Instituto de Arquitetos (IAB) no país e da sua proximidade com Faculdades locais, a relação entre o ensino e a profissão se deu de forma indissociável. No Estado de São Paulo, o núcleo local do IAB (IAB/SP) iniciou seus trabalhos em 1943, atuando em conjunto com as instituições de ensino que formavam engenheiros arquitetos (Mackenzie e a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo). A primeira conquista conjunta dos professores, diretores e profissionais paulistanos foi o início da autonomia a partir na criação das Faculdades de Arquitetura do Mackenzie (1947) e de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP (1948). No entanto, seu currículo baseava-se no da Faculdade Nacional de Arquitetura e entendiam que tal modelo imposto não contemplava a formação desejada (FNA, 1945).

Desse modo, o IAB/SP e a FAUUSP estreitaram suas relações para conformar um novo currículo para a formação dos arquitetos paulistanos, visando sua atuação como arquitetos e urbanistas. Para tal, entre os anos de 1948 e 1962 uma série de discussões se deram nos ambientes profissional e institucional. Entre tantos agentes que participaram desses eventos que culminaram na Reforma de 1962 estava Jorge Osvaldo Caron. Caron havia ingressado no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP em 1958 e o concluiu em 1965 (Ruggiero, 2006). Em seu período na graduação, Caron vivenciou os debates acerca do ensino e logo tornou-se professor nas escolas de arquitetura. A convivência de Caron com mestres como João Batista Vilanova Artigas e outros arquitetos que atuavam no ensino e nas instituições profissionais certamente o inspirou (RUGGIERO, 2005). Em um primeiro momento Caron, colaborou com curso de Cenografia da Universidade Federal do Pará (1967) e depois, de volta ao Estado de São Paulo, retomou<sup>1</sup> sua atuação como professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos. Na sequência, lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos (FAUS), entre os anos de 1975 e 1988; e, posteriormente, foi um dos responsáveis pela criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Belas Artes (FEBASP), dando início a sua organização em 1975 e deixando a instituição em 1984.

Entres os anos de 1973 e 1978, Caron esteve vinculado ao recém-criado Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo (SASP), onde foi responsável pelo Convênio Cultural e colaborou como membro da Cooperativa de Arquitetos da Região Metropolitana de São Paulo. Enquanto a iniciativa do Convênio, desenvolvida em parceria com o IAB/SP pensava na formação dos arquitetos de modo contínuo, preparando-os para o mercado de trabalho, a Cooperativa foi uma iniciativa exclusiva do SASP levando a prestação de serviço dos arquitetos para a periferia. Na década de 1970, o Sindicato

\* Ana Maria Reis de Goes Monteiro é Arquiteta e Urbanista, Professora da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp, ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-7345-9558>>. Taiana Car Vidotto é Arquiteta e Urbanista, Professora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo - Centro Universitário Facens, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-7498-3789>>.

Nota 1 da página anterior:

<sup>1</sup> Segundo Ruggiero (2006), entre os anos 1960 e 1970, Caron atuou em projetos como a organização de exposições no Museu do Folclore em 1968 e 1970; o projeto do Conjunto Zezinho Magalhães, com Guarulhos, junto de João Batista Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Fábio Pentead; atuou na equipe de Paulo Mendes da Rocha no Pavilhão Oficial do Brasil na Expo 70, em Osaka e no concurso para o Centre Pompidou, em Paris. Somado aos projetos arquitetônicos, Caron também atuou como cenógrafo de peças de teatro e na televisão.

<sup>2</sup> Conforme apontado por Barros (2013) é possível ver reflexos da atuação de Caron nas outras instituições que implantaram Laboratórios de Habitação.

<sup>3</sup> O conceito da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour compreende em seguir a trajetória dos agentes e seus espaços buscando relações e valores comuns entre eles (LATOUR, 2012).

defendia a atuação profissional do arquiteto próximo ao IAB/SP e às novas escolas de arquitetura que foram criadas no período do Regime Militar (1964-1985). Além de apoiar um ensino que preparasse os alunos para atuar para toda a sociedade, Caron defendia que mais oportunidades de trabalho deviam ser concedidas aos arquitetos e urbanistas por meio de concursos públicos, evidenciando sua luta pelo campo profissional (RUGGIERO, 2015).

Nos anos 1980, Caron atuou em uma Comissão que estudava a revisão do Currículo Mínimo do curso de Arquitetura, vigente desde 1969. O convite para compor a comissão, organizada pela Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura – ABEA, demonstrava o reconhecimento da atuação do arquiteto como professor e coordenador. Nessa posição, durante sua permanência como professor e coordenador no curso de arquitetura da FEBASP implantou o Laboratório de Habitação que inspirou a criação de outros Laboratórios nas escolas existentes no período, levando novas tendências ao ensino e a formação profissional (BARROS, 2013)<sup>2</sup>.

Compreendendo o percurso profissional de Jorge Osvaldo Caron como exemplo no qual foi intrínseca a sua relação entre as demandas do ensino e da profissão, objetiva-se apresentar sua trajetória como professor e como arquiteto representante de sua categoria, considerando a defesa da profissão, sua atuação no ensino e nas instituições profissionais. A análise se deu no período de atuação do arquiteto no SASP (1973) até a o encerramento da sua gestão no curso de arquitetura da FESBASP (1984). Estes anos se apresentam como relevantes, pois consideram um momento de expansão dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Estado de São Paulo, incentivada pelo Regime Militar. Além disso, novas instituições que representavam a profissão foram criadas e atuaram conjuntamente – o SASP, em 1971, e a ABEA, em 1973, conformando um debate ainda mais intenso sobre as relações entre o ensino e a profissão. Ao seguir sua trajetória, como indicado por Bruno Latour (2012) em sua Teoria Ator-Rede<sup>3</sup>, Caron se apresenta como um dos principais atores deste período, articulando questões que se colocavam na formação dos arquitetos e em sua prática profissional, consolidando-se como um intelectual de vanguarda em seu tempo. Seu papel foi relevante na renovação de ideias, costumes e tendências da profissão visando a formação do arquiteto que compreendia as áreas vulneráveis como seu campo de trabalho, incluindo tais territórios na formação de futuros arquitetos.

Para tal, este artigo está baseado em fontes documentais consultadas no Acervo Jorge Caron no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), bem como outras publicações. A pesquisa documental se deu a partir da consulta do acervo do arquiteto considerando seus escritos sobre o ensino e a profissão. Posteriormente, foi realizada a busca por outras fontes como periódicos e revistas nas quais o arquiteto publicou, bem como anais dos eventos nos quais participou.

Sobre os documentos consultados, adotou-se a leitura traçada por Le Goff (2013), abordando os materiais como documentos-monumentos. Segundo o autor, mais do que o conteúdo apresentado pelos documentos somado ao seu tratamento seriado, deve-se enxergá-los como uma “uma escolha efetuada”, sobre uma seleção do que, Caron, pretendia preservar, e não como o retrato do todo presente no período. No entanto, não cremos no esgotamento das narrativas possíveis criadas através desde olhar sobre os documentos, reforçando que esta pesquisa não considera todo o acervo

<sup>4</sup>Além de realizar uma biografia de Caron, as autoras relatam na publicação como o arquivo do arquiteto está organizado e o projeto recente de sua digitalização (RUGGIERO; MIGLIATI, 2022).

do arquiteto, mas sim um fragmento. Deve-se considerar que os trabalhos de Ruggiero (2006; 2015) e de Ruggiero e Migliati (2022) cumprem um papel de apresentar a biografia do arquiteto e o seu arquivo quanto a sua organização e acervo disponíveis. Ruggiero e Migliati (2022)<sup>4</sup> atestaram que o arquivo do arquiteto apresenta uma série de documentos (pranchas, desenhos, croquis, objetos e textos) entre os quais pode-se comprovar seu perfil “polivalente”. Segundo as autoras, os documentos encontrados colocam Caron como membro de:

*“... uma proeminente geração de arquitetos paulistas de orientação multidisciplinar, politicamente engajada, atuante no ensino e na produção arquitetônica, participou do ambiente político e cultural ativo, tanto nas organizações de classe profissional como em manifestações culturais e artísticas, posicionando o arquiteto como protagonista de uma função social coletiva e democrática”* (RUGGIERO; MIGLIATI, 2022, p. 3).

Assim, identifica-se na trajetória de Jorge Osvaldo Caron, desde os primeiros anos de sua atuação um cuidado com a profissão e a formação, a compreensão do “arquiteto completo” (RUGGIERO, 2006), presente nas ações que vinculavam a função social da profissão, considerando sua contribuição em meio às instituições profissionais junto às discussões sobre os temas relativos à formação.

A exemplo disso estavam as questões que se apresentavam em seus textos quanto a organização do mercado de trabalho, a participação dos arquitetos em concursos de projeto, bem como a aproximação da formação dos alunos dos cursos de graduação segundo demandas reais da sociedade. Este artigo está dividido em duas sessões – a atuação de Caron junto aos cursos de arquitetura e sua trajetória no SASP, nas quais se destacam a renovação de ideias, costumes e tendências da profissão quanto a atuação nas cooperativas considerando áreas vulneráveis cujas ações impactam até os dias atuais.

## **A atuação de Jorge Caron junto aos cursos de Arquitetura e Urbanismo**

Em meados dos anos 1950, a FAUUSP havia recém-conquistado uma etapa importante para sua autonomia com relação à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, com a aprovação de seu Regulamento em 1955. Como resultado da autonomia conquistada, em 1957 foi realizado o Seminário de Ensino e uma comissão formada por João Batista Vilanova Artigas, Rino Levi, Hélio Duarte e Abelardo de Souza tomaram a frente a proposição de mudanças no ensino da escola. No ano seguinte, em 1958, Jorge Caron iniciou sua formação na FAUUSP.

Durante seus anos de graduação, foram realizados os debates para a Reforma de 1962. O Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos (CPEU)<sup>5</sup> foi criado e novos professores foram contratados, renovando o corpo docente que ainda contava com a presença de diversos professores da Escola Politécnica. Além disso, o Grêmio da FAUUSP – GFAU, teve uma atuação presente junto ao IAB/SP e à diretoria da Faculdade, publicando no ano de ingresso de Caron o documento “Da profissão de arquiteto no Brasil”, no qual expunham o necessário reconhecimento do arquiteto pela sociedade. Neste documento, já se defendia a função de urbanista como exclusiva aos arquitetos.

<sup>5</sup>Em 1965, Caron foi membro da Diretoria do CPEU (RUGGIERO, 2006).

As ações das quais participaram alunos, junto com professores e diretores da FAUUSP, culminaram na realização de três Encontros de Diretores, Professores e Alunos das Escolas de Arquitetura e Urbanismo, realizados nos anos de 1960, 1961 e 1962, o último deles realizado em São Paulo (VIDOTTO, 2014).

Não se pode atestar a participação de Caron nestes eventos, mas nas buscas ao seu arquivo, foi possível reconhecer seu interesse pelo ensino de Arquitetura e Urbanismo, bem como pela formação. Pode-se inferir que o ambiente profícuo onde estudou teve impacto no seu posicionamento diante das questões relativas a estes temas. Ainda que não haja registros sobre todos as escolas pelas quais passou nas caixas que foram consultadas<sup>6</sup>, nas buscas realizadas, identificou-se a presença de uma série de currículos de cursos de Arquitetura e Urbanismo em seu arquivo. Em alguns deles, Caron havia atuado como docente e em outros não, o que nos leva a crer que era de interesse referencial seu arquivamento.

Entre eles estava na Caixa nº 11 os currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Mogi das Cruzes, autorizado em 1973; o Modelo de Implantação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, datado de 1974; o Catálogo do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, de 1971. Nos quais ele havia atuado como docente estavam o Regimento da FAU Santos, com anotações a mão datadas de 1975.

O curso da FAU Santos havia sido criado em 1970 e Caron iniciou suas atividades como professor no ano de publicação do regulamento. Segundo Fortis (2004) a estrutura da escola era formada pelos departamentos de Projeto, Ciências Históricas e Tecnologia. Além disso, a FAU Santos tinha como proposta a criação de alguns órgãos de apoio ao ensino – os Centros de Assessoramento, Pesquisa e Documentação de Arquitetura e Urbanismo – que seriam coordenados pelo Diretor da Faculdade e pelo coordenador do curso. Seu objetivo era de integrar os departamentos, promovendo relações horizontais e verticais nas disciplinas. Contudo, segundo Fortis (2004) ele nunca chegou a cumprir esse papel.

Interessa-nos destacar que o exemplar arquivado no acervo de Caron do Regulamento da Instituição, com algumas anotações a mão, era uma cópia do regulamento pertencente à Geraldo Vespaziano Puntoni, devido ao seu nome anotado na primeira página. Ambos lecionavam na FAU Santos<sup>7</sup> e no mesmo período trabalhavam juntos na elaboração do curso de arquitetura da FEBASP.

Observando os apontamentos feitos na documentação, provavelmente por Caron, à lápis, o primeiro deles destacou a finalidade da faculdade – “ministrar ensino, pesquisa e treinamento profissional, integradamente no campo da Arquitetura e Urbanismo” através dos cursos de graduação, pós-graduação, difusão e extensão cultural”. Além disso a FAU Santos visava “manter intercâmbio com instituições similares, científicas e culturais, nacionais, estrangeiras e internacionais”, bem como “prestar colaboração e assistência técnica ao campo do conhecimento da Arquitetura e do Urbanismo” tanto aos integrantes da sociedade quanto por meio de convênios junto aos órgãos públicos e privados (FAUS, 1975a, p.01). Também foi destacado o artigo 3º do regulamento que definia que a instituição “reger-se-á pelos princípios de liberdade de investigação, de ensino e de expressão, manter-se á fiel aos requisitos de método científico e estará

<sup>6</sup> Em visita ao Acervo Jorge Caron no ano de 2017 foram consultadas as caixas 11, 25, 53 e 54.

<sup>7</sup> Em entrevista a Beck (2017), Puntoni comentou que havia lecionado em Santos após pedir demissão do FECE, sem citar a Faculdade.



sempre aberta, com objetivo de estudo e pesquisa, a todas as correntes de pensamento científico e cultural” (FAUS, 1975a, p.01).

Na sequência do Regulamento, não se encontram mais apontamentos, tanto nas sessões que definem os departamentos, o currículo, os centros de pesquisa, quanto no estabelecimento da diretoria, dos conselhos e das atribuições do corpo docente e discente. Entretanto, em um outro documento referente à FAUS, intitulado “Comissão de Redação Final do Regimento Interno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos”, encontram-se novas anotações. Novamente, não podemos afirmar pela documentação que Caron fez parte da comissão de redação do regimento de modo oficial, pois formalmente este se apresenta assinado e rubricado pelos responsáveis pelos departamentos<sup>8</sup>. Contudo, por se tratar de um Regulamento que seria aprovado pela comunidade acadêmica do qual ele fazia parte, provavelmente suas anotações foram sugestões discutidas. Entre seus apontamentos o que se destacou foram algumas exclamações junto às disciplinas propostas na revisão do regulamento chamadas de “Graduação Interdepartamental”, presentes nos três Departamentos de Ciências Históricas, Projeto e Tecnologia. Caron também apontava a necessidade de definir no regulamento o que era departamento para a faculdade (FAUS, 1975b). Outro aspecto notável das anotações se deu junto a disciplina de Topografia, no qual Caron sugeriu “Cartografia”, provavelmente como um complemento ao nome da disciplina, entendendo a necessidade de pensar a expressão por mapas.

Apontamentos se fazem presentes como exclamação e interrogação junto à definição do Conselho Departamental, mas destaca-se um acréscimo no trecho em que o Regulamento estabelece o Plenário e as discussões que poderiam se convocadas pelos docentes ou discentes com 48 horas de antecedência para a discussão de diferentes temas. A anotação a mão estava no artigo 2º que definia o plenário como deliberativo quando houvesse decisão do Conselho Departamental. Para Caron, neste quesito deveria ser acrescentado que o caráter deliberativo só incidiria quanto respeitada a “proporcionalidade legal entre corpo docente e discente” (FAUS, 1975b, p.10).

Na sequência, no que se apresentava como requisitos para a diretoria, o artigo 21º definia que a diretoria técnica e administrativa da FAUS seria exercida por um diretor “obrigatoriamente professor arquiteto da FAUS”. Para Caron, o texto deveria considerar o termo “professor e arquiteto titular da FAUS”, garantindo um profissional que possuísse maior vínculo com a instituição (FAUS, 1975b, p.10). Outro aspecto que Caron frisou em suas anotações foi a relação da FAUS com a sua mantenedora, a Sociedade Visconde de São Leopoldo, acrescentando-a na hierarquia do organograma funcional da instituição.

Conforme apontado, no mesmo ano de elaboração do Regimento da FAU Santos, Caron foi convidado para a criação do curso da Belas Artes, apoiada pelo IAB/SP. Na ocasião, foi organizada uma comissão, composta pelos arquitetos Paulo de Mello Bastos, Jorge Caron e Geraldo Vespaziano Puntoni, que entregaram ao Sindicato a proposta de estrutura do curso “juntamente com um pedido para que a entidade se pronunciasse sobre a oportunidade de ser implantado mais um curso de arquitetura e urbanismo em São Paulo”<sup>9</sup>. Sobre a viabilidade de um novo curso de arquitetura na cidade de São Paulo<sup>10</sup>, Caron comentou:

<sup>8</sup> Eram eles: Lúcio Gomes Machado (Departamento de Ciências Históricas), Maurício Nogueira Lima (Departamento de Projeto), Yopanan Rebello (Departamento de Tecnologia), Henrique Noé de Almeida (Administração) e Lúcio Leal (Discente) (FAUS, 1975b, p.01).

<sup>9</sup> Curso de arquitetura e urbanismo da FEBASP só depende do CFE. Arquiteto no 34, São Paulo, (Ano III, no 34 – 197-), p.06. A data da publicação não é mencionada no original e por essa razão sabe-se com precisão apenas a sua década de emissão – 1970.

<sup>10</sup> Naquele momento, entendia-se que era possível criar um terceiro curso de arquitetura na cidade, somando-os ao da Mackenzie e da FAUUSP já que a maioria dos cursos criados na década de 1970 estavam ao redor da metrópole paulista, nas cidades do interior do Estado. Mesmo reconhecendo o “problema do mercado de trabalho” entendia que essa questão devia ser enfrentada pelas instituições (VIDOTTO, 2020)

*“Convoquei, no sindicato, uma reunião de todos que estivessem dispostos a trabalhar no curso de Belas Artes. Levei um susto, entupiu o elevador, o corredor (...) Jovens recém-formados, jovens que ainda não tinham se formado, valia tudo. Comecei a falar sobre o curso que se pretendia fazer, alguns colegas já estavam mais próximos e começamos a montar as ideias, naquele momento sobre o curso que se iria fazer e edificamos assim a grande plêiade de gente que havia a disposição” (PINTO, 1989, pp. 204-205)*

Desse modo, após sua aprovação, o curso da FEBASP foi instalado no edifício da Pinacoteca, à Avenida Tiradentes. Para Caron, na ocasião, o MEC não estava preocupado com o perfil do profissional a ser formado e sim em saber “se seriam ministradas todas as disciplinas que o currículo mínimo determina, carga horária, recursos financeiros e a saúde financeira da instituição” (PINTO, 1989, p.152). Junto à documentação do MEC se incluía uma carta do IAB “afirmando que o mercado ainda está absorvendo profissionais” (PINTO, 1989, p.153).

Segundo Rosa (2004) o projeto pedagógico inicial, concebido por Jorge Caron, tinha como objetivo formular um curso “com forte formação artística aliada à tecnologia” (ROSA, 2004, p.45). As áreas de conhecimento (ou departamentos) definidas no projeto pedagógico eram Projeto, Urbanismo, Teoria, Artes, Tecnologia e Atividades Práticas. Em 1979, o total de carga horária do curso elaborado era de 4.530 horas.

Uma das principais estratégias de ensino que foram implantadas na Belas Artes foi o Laboratório de Habitação – LAB-HAB (1982). Debatido em uma das mesas do XI Congresso Brasileiro de Arquitetos (CBA), com o texto “Formação Profissional do Arquiteto”, o LAB-HAB afirmava seu objetivo em prestar assistência técnica à habitação por meio da inserção de uma instituição acadêmica na periferia da cidade. Os professores que organizaram a iniciativa, entre os quais estava Jorge Caron<sup>11</sup>, acreditavam que a escola deveria oferecer uma estrutura de produção de conhecimento que permitisse o contato “com problemas concretos da população de baixa renda que, tradicionalmente, não é atendida pelo trabalho profissional dos arquitetos” (IAB, 1982). A experiência do LAB-HAB foi vanguardista para o período e até os dias atuais é lembrada como uma experiência eficaz de ensino e extensão. Ainda que na FAU Santos havia a proposta para um Centro de apoio ao ensino, que não teve sua finalidade cumprida, na FEBASP houve a efetividade da proposta.

Além deste laboratório, Ruggiero (2006) destacou uma série de outras iniciativas extracurriculares que foram propostas no curso da FEBASP, nas caixas consultadas pela autora no Acervo Jorge Caron, uma documentação detalhada apresentava o “Projeto Interior”<sup>12</sup>, o qual tratava de um estágio para os alunos conhecerem a realidade urbana a partir de organizações que atuassem neste setor. Foi proposto também o “Laboratório de Estruturas”<sup>13</sup>, por meio do qual os alunos poderiam desenvolver pesquisas e estudos sobre sistemas estruturais, considerando a fabricação de protótipos. Somaram-se aos Laboratórios propostos o Centro de Documentação<sup>14</sup> e o Canteiro Experimental para a prática de atividades do campo da construção civil.

Um aspecto relevante quanto a relação de Caron com as instituições que representavam o ensino e a profissão foi a acolhida, no início da década de 1980, da ABEA. Antes sediada em um anexo do Edifício da FAU Maranhão, a Associação passou a ter

<sup>11</sup> Além de Caron eram membros Joan Villa, Yves de Freitas e Nabil Bonduki. Tanto Caron quanto Villá participaram da Cooperativa de Arquitetos da Região Metropolitana do Estado de São Paulo, que será apresentada na sessão seguinte e foi precursora da atuação do arquiteto na periferia (IAB, 1982).

<sup>12</sup> Coordenado por Maria Lúcia Guilherme (RUGGIERO, 2006).

<sup>13</sup> Sob o cuidado de Yopanan Rebello e Maria Amélia D’Azevedo Leite (RUGGIERO, 2006).

<sup>14</sup> Proposto por Maria Helena Flynn (RUGGIERO, 2006).



sua sede no edifício da Belas Artes, na Praça da Luz. No Boletim nº 11, a diretoria agradeceu à direção da Faculdade de Belas Artes, em nome do coordenador do curso de Arquitetura, Jorge Caron, por ceder o espaço para a Associação (ABEA, 1980).

Neste mesmo período que a ABEA mudou para o endereço da FEBASB, Jorge Caron foi convidado para compor uma comissão<sup>15</sup> que visava discutir a reformulação do Currículo Mínimo de 1969. Os responsáveis elaboraram um texto, cuja entrada foi dada no Conselho Federal de Educação em 15 de fevereiro de 1981. As principais demandas eram a valorização de um debate pela conformação de um novo ensino de arquitetura, a necessidade de se retomar a importância da função social do Currículo. Os autores do parecer (que não foi encontrado nas fontes consultadas) lembravam o que fora afirmado com a carta de Ouro Preto – que um novo currículo Mínimo era uma tarefa necessária, mas não garantia em si mesmo a melhoria do ensino (PROJETO, n 34, 1981).

<sup>15</sup>Além de Caron, formavam a comissão Candi Hirano, Edgar Graeff, Fernando Rabelo e os estudantes Nilton Vasconcelos, Carlos Dias Comas e Demerval Monteiro (PROJETO, nº 34, 1981).

Em meio aos primeiros anos do curso da FEBASP, Caron seguia atuando na FAU Santos. No entanto, em 1982 a Faculdade passou por um período de crise administrativa e o SASP, no papel de seu presidente, José Carlos Ribeiro de Almeida foi chamado a intervir. Um novo diretor havia tomado posse na faculdade, o Prof. Noêmio, e demitiu 17 professores, sem uma justificativa clara (FORTIS, 2004). Como reação a atitude da sociedade mantenedora da FAUS, que estabelecia novas regras para o curso de Arquitetura, como o horário de fechamento do edifício<sup>16</sup>, os alunos se colocaram em greve até que os professores demitidos pudessem retornar.

<sup>16</sup>“Alunos e professores da FAUS mobilizados contra medidas da mantenedora” (PROJETO, nº 42, 1982a) e “Crise pode baixar qualidade de ensino na FAUS” (PROJETO, nº 42, 1982b).

Mesmo com a intervenção do SASP, órgão no qual Caron atuava:

*“Essa greve teve a duração de aproximadamente 100 (cem) dias, nos quais os professores e os alunos não abandonaram o ambiente da faculdade, substituindo as aulas por constantes reuniões, cujo ponto principal era o retorno dos 18 (dezoito) professores, com discussão, também, de assuntos relativos às melhorias e modificações acadêmicas, à política pedagógica da Faculdade e as relações entre a Faculdade e a Direção das Faculdades Católicas de Santos”.* (FORTIS, 2004, p.28)

Como resultado, foram readmitidos os professores e relocado no lugar da Direção o Prof. Oswaldo Correia Gonçalves para completar o biênio 1982/1983. Dois anos depois da crise na FAU Santos, em 1984, se deu uma crise no ensino da FEBASP, quando Jorge Caron deixou a direção da escola<sup>17</sup> (PROJETO, nº 67, 1984).

<sup>17</sup>“Caron deixa a Coordenação do CAU FEBASP” (Projeto nº 67, 1984, p.12)

Segundo Rosa (2004), desde a época do reconhecimento do curso, em 1983, havia uma polêmica em meio ao corpo docente e discente. Os professores requeriam melhores salários enquanto os alunos protestavam o preço das mensalidades. Deve-se considerar também o convívio nesse período com os movimentos da Diretas-Já – os alunos eram convocados pelos professores, como Joan Villa, para participaram dos protestos e passeatas.

Em 1984, houve uma greve na escola com a duração de um ano e a consequente demissão de todo o corpo docente<sup>18</sup>. Em meio a continuidade do conflito, deu-se a busca por novos professores. Em 1985, Caron demitiu-se da diretoria da FEBASP enfrentando uma série de reivindicações como maiores salários, mais recursos para os

<sup>18</sup>Com exceção de Nelson Milani e Sérgio Malacrida (ROSA, 2004).

<sup>19</sup>A partir de 1987 novos professores foram recontratados e uma nova mudança se deu na escola com o despejo do edifício da Pinacoteca, em 1989 (ROSA, 2004).

Laboratórios e outras questões de política interna. Com a nomeação de um interventor e o agravamento da crise, uma greve paralisou<sup>19</sup> a escola que, por sua vez, demitiu todos os professores e encerrou as atividades de Laboratório de Habitação.

Após esse período na Belas Artes, Caron ainda se dedicou alguns anos à FAU Santos, até ser aprovado, em 1987, como professor para o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, onde iniciou uma nova etapa docente. Conforme Ruggiero (2006), na nova escola Caron propôs o “Atelier Integrado”, levando seu entendimento integrador do ensino à nova escola.

## Sua atuação nas instituições profissionais

Jorge Caron participou ativamente do SASP desde o período de sua criação. Em um primeiro momento, o arquiteto esteve à frente da direção do Convênio Cultural. Posteriormente, foi delegado suplente na diretoria do biênio de 1978-1979, tempo em que foi um dos colaboradores da Cooperativa dos Arquitetos da Região Metropolitana do Estado de SP.

Quanto ao Convênio Cultural, em carta datada de 1978, Caron afirmou que sua criação foi uma iniciativa da gestão de Alfredo Paesani no SASP, que defendia que o Sindicato deveria manter uma atividade cultural própria. Em 1973, Caron foi convidado a coordenar essas atividades. A criação do Convênio com o IAB se deu posteriormente, a partir de dois argumentos: a possibilidade do uso do mezanino da sede do IAB para os eventos do SASP e a reunião das atividades culturais de ambos os órgãos de classe em vista de demonstrar “uma unidade de atuação” (CARON, 1978a). Desse modo, surgiu o Convênio IAB/SASP, com objetivo de “promover atividades baseadas em um plano didático de desenvolvimento cultural originado em uma iniciativa do Sindicato”. Seu estabelecimento visava promover a instrumentação dos arquitetos em relação ao mercado de trabalho; servir de base para integração de colegas e promover, em função da atividade didática, a inter-relação entre arquitetos e outras categorias profissionais (CARON, 1974).

Entre as atividades, o convênio promoveu cursos livres de curta duração, seminários, mesas redondas e conferências. O primeiro curso realizado, de Paisagismo, contou com a associação do Instituto de Engenharia e a Prodesan – empresa de Santos – com a participação de Fernando Chacel (CARON, 1978a). Nos anos seguintes, o convênio teve, em 1974, a coordenação pelo Sindicato de Caron e pelo IAB de Helene Afanasieff; em 1975, seguiu com a coordenação do SASP por Caron e de Christina de Castro Mello pelo IAB.

O Convênio prosperou ao longo dos primeiros anos, realizando um ciclo de debates com urbanistas em colaboração com a FAUUSP, e sob o patrocínio das empresas Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (EMPLASA), Empresa Municipal de Urbanização (EMURB), METRO e Coordenadoria de Gestão de Pessoas (COGEP), na FAU Maranhão. Contudo, mesmo com o crescimento numérico das atividades do Convênio, segundo Caron (1978a), começou-se a perder o reatamento político e a integração dos arquitetos em decorrência dos trabalhos. Em 1976, a diretoria cultural do IAB começou a questionar sua validade, especialmente quando Júlio Katinsky assumiu o Convênio por parte da Instituição. Segundo Katinsky, as temáticas propostas pelo

Sindicato não eram adequadas. Após discussões relatadas nas atas das instituições, o convênio foi encerrado (SASP, Livro de Atas, 1977).

Houve uma série de debates até esta atitude ser tomada, contudo “em diversas reuniões, até exaustivas, apesar de terem sido apresentadas inúmeras propostas de programação, não foi possível chegar a um consenso, mesmo quando os coordenadores procuravam sinceramente um acordo” (CARON, 1978a). Assim, Caron promoveu pelo Sindicato o seminário “Relações de Trabalho na Profissão de Arquiteto” que teve como fruto a formulação de uma nova Diretoria para o SASP. Um dos aspectos destacados por Caron (1978a) foi a autossuficiência do Convênio, que possuía um fundo próprio para recebimento e promoção das atividades.

Foi encontrada no Acervo Jorge Caron uma publicação elaborada pelo arquiteto, sem data, com uma folha que indicava no cabeçalho o nome do Sindicato dos Arquitetos um texto chamado “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”. Neste documento, Caron apresentava como preocupação do Sindicato a proteção e incremento da posição profissional do arquiteto e propunha a organização de um Programa de Ensino pelo Sindicato dos Arquitetos no Estado de São Paulo. Assim, o Programa proposto por Caron era “destinado à elevação do nível dos associados do Sindicato” com cursos de extensão cultural e complementação de sua formação universitária.

O Plano de Ensino previa que tais cursos poderiam ser feitos por profissionais de outras categorias, que se relacionassem de alguma forma com a arquitetura. Seriam programados os seguintes temas: o exercício profissional (para arquitetos, sobre aspectos legais da profissão, ministrado por um bacharel em Direito); projeto e obra (destinado a arquitetos e mestres de obra, para discussão da interação entre projeto e obra<sup>20</sup>; planejamento de escritórios de arquitetura<sup>21</sup> (destinado a arquitetos e secretárias executivas, para tratar conceitos de planejamento e organização de escritórios, relacionamento funcional do pessoal de serviços em um escritório, questões de arquivo e secretaria); estruturas<sup>22</sup> (destinado a arquitetos, tratara da conceituação dos aspectos estruturais dos projetos e do projeto de estruturas); estruturas espaciais (para arquitetos, com processos de cálculo estrutural e novas formas e suas implicações no projeto<sup>23</sup>); fiscalização e controle tecnológico (para arquitetos e mestres de obra, tratando da responsabilidade envolvida na execução de obras, além de meios de controle da qualidade de materiais e serviços<sup>24</sup>); desenvolvimento de obras (para arquitetos e mestres de obra, trataria da organização do canteiro e sua racionalização); especificações, orçamentos e controle de custos (para arquitetos, tratando das questões financeiras e econômicas em projetos e obras) (CARON, 197?-).

O arquiteto apontou alguns pontos fundamentais para o desenvolvimento das atividades culturais: elas deveriam estar estruturadas anualmente em torno de um tema de destaque da profissão. Esse grande tema deveria ser subdividido em uma linha que propiciasse debate e polêmica, enquanto o outro teria papel informativa. Outro ponto destacado por Caron (1978) tratava dos debates sobre especialização da profissão e sua negação – defendida pelas entidades de classe que não almejavam a subdivisão das atividades profissionais. Além disso, para o arquiteto todas as atividades culturais deveriam ter um rebatimento na política da categoria, originando a formação de grupos de trabalho; seriam convidados diversos profissionais e estudantes para participarem da plateia e enriquecer os debates; as atividades deveriam ser autossuficientes

<sup>20</sup> Com arquiteto Antônio Sergio Bergamin (CARON, 197?-). A data da publicação não é mencionada no documento original e por essa razão não se pode afirmar o ano da emissão do “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”.

<sup>21</sup> Com arquiteta Mayumi Watanabe Souza Lima (CARON, 197?-). A data da publicação não é mencionada no documento original e por essa razão não se pode afirmar o ano da emissão do “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”.

<sup>22</sup> Com o engenheiro Mario Franco (CARON, 197?-). A data da publicação não é mencionada no documento original e por essa razão não se pode afirmar o ano da emissão do “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”.

<sup>23</sup> Pelo engenheiro Jorge Kurken Kirkdjian (CARON, 197?-). A data da publicação não é mencionada no documento original e por essa razão não se pode afirmar o ano da emissão do “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”.

<sup>24</sup> Seria convidado a ministrar o engenheiro Falcão Bauer (CARON, 197?-). A data da publicação não é mencionada no documento original e por essa razão não se pode afirmar o ano da emissão do “Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino”.

economicamente e, para tal, a presença do fundo era fundamental; era necessário que além do coordenador uma equipe que trabalhasse junta para promover o material gráfico das atividades, os contatos, e outros detalhes técnicos da realização do evento. Por fim, Caron acreditava que a diversificação era parte fundamental do convênio, que não poderia se resumir a cursos, mas deveria também envolver encontros, seminários, mesas redondas e palestras (CARON, 1978).

Como um resumo do histórico do Convênio IAB/SASP Caron (197) destacou o ano de 1975 como ano de atividades mais intensas, e o encerramento do Convênio em 1977<sup>25</sup>. Após o rompimento do convênio e como consequência das discussões, o SASP acreditava que o tema central para o ano de 1978 seria a preparação da categoria para enfrentar novas formas de organização do trabalho – incluindo a cooperativa de serviços (CARON, 1978).

<sup>25</sup>O IAB/SP apoiou deste o início a criação do SASP. Nos primeiros anos de seu estabelecimento, as duas instituições atuaram conjuntamente promovendo uma série de eventos e divulgando os valores da profissão. Contudo, ao final da década de 1970 uma série de acontecimentos levaram a um distanciamento progressivo entre as instituições. O SASP seguiu em busca do estabelecimento de uma identidade própria e da defesa do arquiteto assalariado (VIDOTTO, 2020).

Sob o ponto de vista do Sindicato, era seu papel “consolidar o grupo profissional garantindo sua atuação plena dentro do mercado de trabalho” e “abrir esse mercado para novas perspectivas de atuação”. Dessa forma, a atividade cultural seria responsável por aprofundar e atualizar os instrumentos de trabalho profissional o que acarretou algumas atitudes por parte do Sindicato de afastar os conceitos de extensão universitária e distinguir-se de “após a graduação” ao invés de “pós-graduação”. O intuito dos cursos não era interferir nos processos de formação universitária, mas estabelecer comunicação com o profissional de nível universitário.

Além do Convênio Cultural, Caron também registrou em seu acervo uma proposta de Convênio entre o IAB/SP, o SASP e a Conesp – Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo. Os documentos encontrados no Acervo tratam de algumas atas de reunião, datadas de 1978, cujos representantes do IAB (Sérgio Pillegi), do SASP (Idal Feferbaum) e do Conesp (João Honório de Mello Filho) discutiam a prestação de serviços pelos arquitetos, o cadastramento de profissionais, tanto para projeto quanto de acompanhamento de obras (CARON, 1978b). Como documentos junto as cartas, estavam anexados uma proposta de tabela de honorários, bem como a lista de documentos que deveriam ser entregues em cada uma das etapas de projeto – especificando números de pranchas a serem entregues.

Simultaneamente ao período de encerramento do Convênio Cultural com o IAB/SP, Caron se envolveu com um outro projeto do SASP, a organização de uma Cooperativa de Arquitetos, que se apresentava como uma nova forma de trabalho para os jovens profissionais. A iniciativa permitia, ao olhar de Alfredo Paesani, seu criador, um novo mercado de trabalho disponível aos jovens arquitetos. Ao mesmo tempo, aproximava os arquitetos de clientes que careciam do auxílio de um profissional em regiões onde a autoconstrução predominava (PAESANI, 1977).

Para colocar em prática a iniciativa, foi convocada uma reunião com os interessados, cujo documento se encontra no Acervo de Jorge Caron. Nessa convocação, datada de 20 de outubro de 1978, assinada pelo presidente do Sindicato, Jon Adoni Vergareche Maitrejean e pelo Coordenador do Grupo de Trabalho da Cooperativa Alfredo Paesani, constava que a cooperativa tratava de uma nova forma de organização do trabalho profissional<sup>26</sup>. Junto a ele, uma anotação a mão, provavelmente do próprio Caron, que dizia: “Interessado em participar de novas formas de organização do trabalho dentro da profissão”.

<sup>26</sup>Acervo Jorge Caron, caixa n. 25.

Caron se manteve atuante nesta modalidade criada pelo SASP, que não era uma modalidade filantrópica de prestação de serviços. Entendia-se que valores deveriam ser cobrados mediante o volume do trabalho, considerando esta uma real possibilidade de remuneração para novos profissionais.

Em 1979, foi criado um Escritório Piloto, verificando a viabilidade da organização do trabalho como prática profissional. Entre os associados à iniciativa, houve uma reunião no qual apresentaram<sup>27</sup> questões em debate segundo os grupos de trabalho de mercado e estatuto. Caron<sup>28</sup> era o responsável pelo grupo que estruturaria o Estatuto da Cooperativa e apontava suas preocupações considerando “o que faria a cooperativa”; “quem era por definição o cooperado”; “qual a área de atuação”; “qual o nome”. Como respostas, o arquiteto trazia como proposta que o objetivo da cooperativa era prestar serviços de projeto e assessoria de construção; o cooperado precisava ser habilitado pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – Crea para exercer atividade de arquiteto/urbanista e a área de atuação era a região metropolitana de São Paulo. Como discussões, o grupo do estatuto colocou as seguintes perguntas: a cooperativa era de arquitetos ou de arquitetura? Como área de atuação o grupo ainda questionava se era interessante ocupar-se de uma pequena área para não interferir no poder Municipal ou uma grande área para atuar em todos os lugares. Também se colocava como dúvida o atendimento à grandes áreas com grandes problemas, elencando como opção a definição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra; de área de atuação.

O grupo responsável pelo estabelecimento da Cooperativa refletia sobre sua organização, mas também se preocupava com o processo de trabalho adotado. Questionavam-se sobre os limites da sua atuação sob o ponto de vista da aprovação dos projetos nos órgãos legais e quanto a linguagem com a qual seriam apresentados os projetos para os clientes. Somavam a estas preocupações o fato de mais de um arquiteto cooperado acompanhar o desenvolvimento dos projetos, permitindo que as informações não se perdessem e que a finalidade de solução do projeto fosse cumprida com qualidade. Outro aspecto que se apresentava como relevante para os organizadores era a reflexão, a cada projeto, sobre o uso adequado de materiais e métodos construtivos, de modo a implantar soluções satisfatórias<sup>29</sup>.

Em artigos publicados em revistas à época, Caron manifestava sua preocupação com os rumos da profissão – o aumento progressivo de profissionais formados em contraposição à diminuição das vagas. Para o arquiteto, isto se dava em razão do modelo econômico adotado, inclusive no ensino de arquitetura. Afinal, o modelo vigente seguia sendo o do Currículo Mínimo fruto do acordo MEC/USAID. Contudo, os profissionais locais seguiam se esforçando por desenvolver uma tecnologia local, “com novas práticas e modelos para abandonar aqueles que foram impostos” (PROJETO, no 24, outubro/novembro de 1980b, pp.10-11).

Após representar o SASP por tantos anos, Caron foi eleito como diretor junta à Federação Nacional de Arquitetos (FNA), com Alfredo Paesani, Clóvis Ilgenfritz da Silva, José Maria Conde Drumond, Antônio Claudio Moreira e Moreira, Olair de Camillo; Suplentes – Rita Vaz Artigas e Edith Gonçalves; Conselho Fiscal – Eduardo Kneese de Melo, Jon Maitrejean, Helene Afanasieff, Suplentes Alfred Cerven, Ersto Barbucian, Durval Gomes (IAB, Circular do Departamento de SP, abril, 1980, p.06).

<sup>27</sup>O manuscrito dessa ata foi encontrado no Acervo Jorge Caron, caixa n. 25.

<sup>28</sup>Além de Jorge Caron, eram cooperados os arquitetos: Alberto Victorio da Costa, Alexandre Faragó Jr., Alfred J. J. Cerven, Anelis Napoleão Campos, Angela Maria Calabria, Carlos Antunes, Carlos Raulino Cancian Neves, Claudia Bromberg Richter, José Fernandes Teixeira Filho, Juan Villa Martinez, Liris Padovan Monteiro, Marcia Simão Macul, Marcia Guedes Pantaleão, Marta Junqueira da Silva, Myrian Barrientos de S. Pinto, Nelly Hecman, Nilson Del Vecchio Faim, Patricia Nascimento, Pedro Francisco Tisovec, Regina de Campos Balieiro Devescovi, Ronel Ferracci, Sergio Baiget, Teresa de Jesus Pires Urbietta, Vivian Hedeager e Walter Gonçalves Jr. (Cedoc Jorge Caron, Caixa n.25).

<sup>29</sup>Sindicato dos Arquitetos de São Paulo. Dossiê da Cooperativa de Arquitetos, novembro de 1978/ fevereiro de 1980. Arquivo Sasp.

## Considerações Finais

Estes anos da trajetória de Jorge Osvaldo Caron evidenciam a intrínseca relação que o arquiteto vivenciava entre as questões relativas à formação e suas condições de atuação profissional. Ao seguir seu percurso, nota-se que Caron foi um dos importantes agentes do período, articulando-se com outros colegas em uma rede que transitava entre os cursos de Arquitetura e Urbanismo e as instituições. Pode-se afirmar que ele estava na vanguarda dos pensamentos relativos à formação do arquiteto pois, ao vivenciar as demandas da formação e da atuação profissional do arquiteto assalariado no SASP propôs o novo curso da Belas Artes diferentes abordagens para a formação dos novos arquitetos. Um dos exemplos foi, após sua participação como arquiteto na Cooperativa, de implantar o projeto do LAB-HAB na Belas Artes, aproximando seus alunos da realidade pluralista do campo de atuação do arquiteto.

Certamente as reflexões provocadas ao arquiteto desde o ambiente de sua formação permitiram que uma prática propositiva e questionadora fosse constante em sua trajetória de vanguarda, contribuindo com a renovação de ideias para a atuação profissional e o ensino de arquitetura. A extensa experiência no ensino como professor em diversas instituições, coordenador e fundador do curso de Arquitetura da FEBASP presaram pela defesa de um ensino autônomo, onde havia representatividade docente e discente. Isto se evidencia ao considerarmos os conflitos experimentados nas escolas durante a Ditadura Militar e a luta pela autonomia de alunos e professores diante da proposição de atividades que aproximavam a formação de casos reais.

Por sua vez, como profissional, Caron demonstrava seu apreço pelas questões de divulgação da profissão e das suas diferentes possibilidades de prestação de serviço à população – desde os convênios com o poder público até as cooperativas. A defesa da profissão com a proposição de formas de remuneração também fez parte das suas reflexões. Além disso, Caron via a necessidade de uma formação continuada da profissão, como vimos em seu Plano proposto para atividades de ensino. Naquele momento deve-se considerar que ser parte ativa de uma instituição profissional era corriqueiro aos arquitetos, mas nota-se uma proximidade maior de Caron do SASP, em detrimento de sua seleção por participar do LAB/SP. Nesse sentido, observa-se seu interesse por estar próximo da instituição que prioritariamente defendia a profissão no contexto dos arquitetos assalariados.

Não se pretende esgotar todas as experiências de Caron no período definido por este artigo. Muitos outros pontos de vista sobre sua atuação profissional e seu papel relevante em meio às escolas de arquitetura podem ser acrescentados. Que possamos, por meio do engajamento demonstrado por Caron neste período, refletir sobre a nossa atuação em meio a esta relação que segue intrínseca entre o ensino e a atuação profissional.

## Referências bibliográficas

ABEA. *Boletim nº 11*. Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura, 1980, 06p.

ACERVO Jorge Caron – Biblioteca IAU USP, Caixa no 25. Consultado em 21 de Junho de 2017.



- BARROS, Mariana Cicuto. Assessorias técnicas no processo autogestionário - possibilidades de atuação. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, (17), 81-92. 2013. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i17p81-92>
- BECK, Sebastian Friedrich. *São Paulo. Uma linha do tempo através do arquiteto Geraldo Ves-paziano Puntoni*. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CARON, Jorge O. *Plano para o estabelecimento de um Programa de Ensino (19-?)* Acervo Jorge Caron. Caixa no 54. Consultado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, em 17 de junho de 2016.
- \_\_\_\_\_. *Convênio IAB/SASP – Anexo 01 (1974)*. Acervo Jorge Caron. Caixa no 54. Consultado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, em 17 de junho de 2016.
- \_\_\_\_\_. *Carta – Convênio IAB/SASP (1978a)*. Acervo Jorge Caron. Caixa no 54. Consultado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, em 17 de junho de 2016.
- \_\_\_\_\_. *Convênio Conesp – IAB/SP – SASP (1978b)*. Acervo Jorge Caron. Caixa no 25. Consultado no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, em 17 de junho de 2016.
- FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA - FNA. *Regimento*. Rio de Janeiro. 1945. 40p.
- FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DE SANTOS - FAUS. *Regimento Interno*. 1975a. Acervo Jorge Caron, Caixa no 11. Consultado em 21 de Junho de 2017.
- \_\_\_\_\_. *Comissão de Redação Final do Regimento Interno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos*. 1975b. Acervo Jorge Caron, Caixa no 11. Consultado em 21 de Junho de 2017.
- FORTIS, Sergio Novita. *A formação do arquiteto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNISANTOS – Universidade Católica de Santos – trajetória, organização curricular e condições de funcionamento no período de 1970 a 2003*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos, Santos: 2004. 103p.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/SÃO PAULO. *Circular do Departamento de SP*, abril, 1980, 6p.
- \_\_\_\_\_. *Caixa n. 124 – Reunião dos Núcleos GT 3\_ensino e universidades*, 1980. Consultado em janeiro de 2015.
- \_\_\_\_\_. *Programa – XI Congresso Brasileiro de Arquitetos – Bahia 82*, 1982.
- JORNAL ARQUITETO. *“Curso de arquitetura e urbanismo da FEBASP só depende do CFE”*. São Paulo: no 34, p.06.
- LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Edufba, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7a edição. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. 499p.
- PAESANI, Alfredo. *Cooperativa de Arquitetos como nova forma de organização de trabalho: Bairro popular como ampliação do mercado para o arquiteto*, Campinas, 1977. Caixa 003. Consultado em 21 de Janeiro de 2015.
- PINTO, Gelson Almeida. *A prática do projeto no ensino de arquitetura: investigação sobre algumas experiências – São Paulo – 1958/1985*. Volume 01. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – São Carlos, 1989. 216p.
- REVISTA PROJETO. *“Emprego e desemprego”*. *Revista Projeto*, São Paulo: no 24, out./nov. 1980, pp.10-11.
- \_\_\_\_\_. *“Proposta para reformulação do Currículo Mínimo do Curso de Arquitetura e Urbanismo”*. São Paulo: no 34, out. 1981, p.74.

- REVISTA PROJETO. "As propostas finais do VII Encontro nacional sobre a Formação do Arquiteto". São Paulo: no 37, fev. 1982a, p. 13.
- \_\_\_\_\_. "SASP lança campanha estadual contra o desemprego". São Paulo: no 37, fev. 1982b, p.07.
- \_\_\_\_\_. "Caron deixa a Coordenação do CAU FEBASP". São Paulo: no 67, set. 1984, p.12)
- ROSA, Tatiana Schilaro Santa. *Memória Histórica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo*. Iniciação Científica. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. São Paulo: 2004. 2020p.
- RUGGIERO, Amanda Saba. *Um estudo sobre o mestre Artigas e o aprendiz Jorge Caron*. ANAIS... Seminário Docomomo Brasil, 2005, Niterói. Disponível em: <<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/Amanda-Saba-Ruggiero.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. *Jorge Caron: uma trajetória*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Retratos e memórias do arquiteto Jorge O. Caron. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, (22), 6-21. 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i22p6-21>
- RUGGIERO, Amanda Saba; MIGLIATI, Yasmin Natália. Trajetória de vida: uma investigação no arquivo pessoal do arquiteto Jorge Caron. *Revista Paranoá*. n.32, jan/jun 2022. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.23
- SINDICATO DOS ARQUITETOS DE SÃO PAULO. *Livro de Atas*: 03 de maio de 1976 a 28 de Março de 1978. Arquivo SASP. Consultado em junho de 2016.
- \_\_\_\_\_. *Dossiê da Cooperativa de Arquitetos*: Novembro de 1978 – Fevereiro de 1980. Arquivo SASP. Consultado em junho de 2016.
- VIDOTTO, Taiana Car. *A indissociável relação entre o ensino e a profissão na constituição do arquiteto e urbanista moderno no Estado de São Paulo: 1948 - 1962*. 2014. 260p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Unicamp, Campinas, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O papel das instituições representativas dos arquitetos no Estado de São Paulo durante o Regime Militar (1964-1985)*. 2020. (291 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP.

Recebido [Jun. 30, 2021]

Aprovado [Jun. 20, 2023]